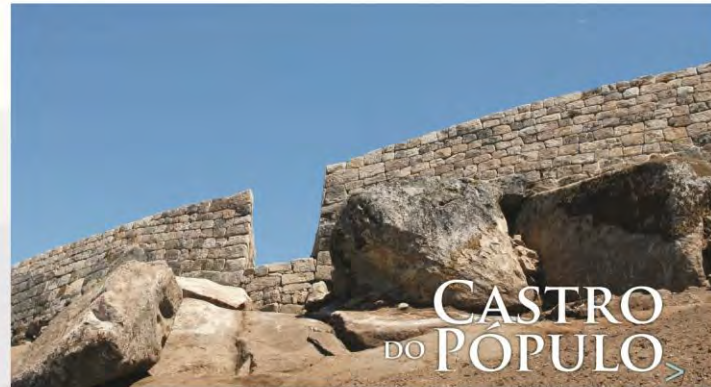




FICHA TÉCNICA

Título | Castro do Pópulo - Uma paisagem fortificada
Promotor | Município de Alijó
Coordenação e Execução | ArqueoHoje, I.º
Texto | João Perpétua
Tradução de texto | Catarina Unsworth
Créditos fotográficos | ArqueoHoje, I.º
Projecto e Concepção Gráfica | David Duarte Design
Execução Gráfica | Tipografia Rando & Neves
 tiragem | 2.000 exemplares
Editor | Município de Alijó / ArqueoHoje, I.º
 ArqueoHoje, I.º - 2014



CASTRO DO PÓPULO

UMA PAISAGEM FORTIFICADA / ALIJÓ



CASTRO DO POPULO

UMA PAISAGEM FORTIFICADA

O CONTEXTO

O Castro do Pópulo, também conhecido como Castro da Touca Rota or Castelo de São Marcos, localiza-se na extremidade norte do planalto de Alijó, alcantilado no topo de uma imponente colina granítica rematada a N.NE e S.SO por dois afloramentos de grandes dimensões. O povoado insere-se dentro de um período sócio-cultural, anterior ao domínio romano, denominado genericamente por "cultura castreja". Esta inscreve-se cronologicamente entre o século VII antes do nascimento de Cristo (a.C.) e o século III da nossa era (d.C.), tendo atingido o seu auge durante os séculos I a.C./ I d.C.. Desenvolveu-se essencialmente no noroeste peninsular, a norte do rio Douro, com forte incidência nas regiões do Minho e Trás-os-Montes, assim como na vizinha Galiza.

O habitat castrejo, por excelência, implanta-se em plataformas elevadas com domínio territorial abrangente, defendido por linhas concêntricas de muralhas de pedra, com duas ou mais cinturas, muitas vezes complementadas por fossos e linhas de pedras fimeadas que dificultavam o acesso essencialmente à cavalaria. Estas imponentes linhas de defesa tiveram um forte incremento nos séculos I a.C./ I d.C., durante a fase de conquista romana. Além de um eficaz sistema defensivo, estas muralhas assumiam-se igualmente como ítems de prestígio e de ostentação, verdadeiros elementos de poder social das elites vigentes. É na organização interna destes povoados que encontramos as raízes do urbanismo moderno. As casas, na sua larga maioria de planta circular, organizam-se em função de arranjos pré-definidos. As habitações diferenciavam-se das cortes dos animais e dos silos de armazenamento. Aparecem as primeiras oficinas metalúrgicas a par de fornos cerâmicos.

A casa castreja típica possuía planta circular com uma única entrada e raramente com janelas. Muitas vezes são antecedidas de um pequeno vestibulo, podendo mesmo ter um forno culinário associado. A cobertura era feita em colmo, por vezes reforçado com barro, sendo progressivamente substituído por telha com a crescente influência romana. O piso poderia ser simplesmente em terra batida, em barro compactado ou endurecido. Ao centro destas singulares habitações encontrava-se o poste central de sustentação da cobertura. Próximo da entrada, encostada à parede, estava a lajeira.

A organização social destas comunidades parece assentar basicamente no núcleo familiar. Uma família ampla, incluindo provavelmente descendentes e respectivos cônjuges, podia incluir células de 20 a 50 pessoas.

A economia destas populações assentava numa base agro-pastoril, onde o cultivo dos cereais e produtos agrícolas assumiam um papel fulcral. O domínio metalúrgico é evidente, denotando uma forte especialização no trabalho do bronze e do ferro.



O POVOADO

Apesar de nunca ter sido alvo de escavações arqueológicas, este povoado insere-se dentro deste modelo sócio-cultural. O seu sistema defensivo, composto por duas linhas concêntricas de muralhas, deve ter sido edificado a partir do século I a.C. A sua ocupação ter-se-á prolongado pelo menos até uma fase incerta do domínio romano.

Estrategicamente bem colocado, usufruindo de óptimas defesas naturais, adaptou as suas linhas de muralhas à morfologia do terreno.

Internamente podemos distinguir dois recintos distintos. No cume do morro, delimitado pela primeira linha de muralhas, encontramos o núcleo central do povoado, muitas vezes designado por acrópole ou coroa. A superfície observam-se inúmeros aglomerados de pedras provenientes da destruição das estruturas habitacionais.

A linha de muralha, onde se observa no plano externo o seu magnífico aparelho poligonal, envolve nas suas extremidades N.NE e S.SO dois colossais afloramentos que se elevam sobre o povoado, constituindo autênticas torres de vigilância.

A segunda linha define um espaço maior. Desenvolveu-se concêntrica à primeira muralha, existindo entre ambas uma simbiose perfeita. O espaço definido entre muralhas foi certamente ocupado por casas. Esta muralha externa impressiona positivamente quem a observa do exterior. O aparelho poligonal/rectangular patenteado é perfeito. Os blocos pétreos do paramento externo foram colocados de modo a obter uma junta cega, conferindo ao pano de muralha uma surpreendente harmonia. No sector NE, observa-se um impressionante troço cíclico que nos leva a questionar como seria possível a colocação de tão pesados elementos pétreos.

A segunda linha defensiva dispõe de duas entradas abertas nos cantos norte e N.NO. Estas mais não são que um estreito corredor aberto a um quarto da altura da muralha que se desenvolve obliquamente à sua orientação. Para se aceder à entrada teria que se recorrer a uma escadã de madeira. As entradas encontram-se estrategicamente colocadas em áreas acidentadas de difícil acesso. É possível que no remate das muralhas, junto às portas, existissem torres de protecção, em madeira. Internamente, o acesso ao topo desta imponente estrutura era feito através de escadas em pedra encastradas no paramento ou por rampas igualmente adossadas.

A muralha externa preservada na vertente virada a norte foi recentemente alvo de um aturado trabalho de restauro promovido pelo Município de Alijó e executado por parte da empresa ARQUEOHOJE, culminando na reintegração total de mais de oitenta metros de tampo.

Foi marcada uma linha nos paramentos que permite ao visitante discernir o que pertence originalmente à muralha e o que foi recuperado.



HILL FORT OF POPULO

A FORTIFIED SITE

THE CONTEXT

The Hill Fort of Pópulo, also known as Castle of Touca Rota or Castle of S. Marcos, is located at the upper north plateau of Alijó, rugged at the top of an imponent granitic hillcock and showing two great outcrops on the N.NE and S.SO peaks.

The settlement dates from a social-culture that emerged before the Roman domain, known in general as "cultura castreja". Chronologically speaking, this period goes between the VII century b. C. and III century b. C., having reached its peak during the first century b. C. and first century a. C. This culture evolved mainly on the northwest of the Peninsula, north of the Douro River, especially in the regions of Minho, Trás-os-Montes and Galicia.

A typical "castreja" habitat is normally built on high platforms with wide visibility, protected by concentric rows of stone-walls, with two or more fortifications, many times complemented with ditches and rows of fixed stones, which made the access difficult, especially for the cavalry. These imposing defensive lines were greatly increased between the first century b. C. and the first century a. C., during the Roman conquest.

These fortresses, besides being an efficient defensive system, also represented a way of showing ostentation and prestige, which, at the time, meant social power for the elite.

It is within the internal organization of these settlements that we find the origin of modern urbanization. The houses are, in general, circular shape and are built in function of a street layout defined beforehand. The houses are distinguished from the corrals and silos. The first metallurgical workshops and ceramic furnaces arose during this period.

The typical "castreja" house has only one entrance and seldom has windows. Often they are preceded by a small vestibule, possibly having a kitchen kiln associated. The roof was of thatch, at times reinforced with clay but, with the increase of Roman influence, these became replaced by tiled roofing. The floor would be simply of hard soil or clay. At the centre of these strange houses, there was the main pole to sustain the roof. The thatch was near the entrance against the wall.

The social organization of these communities seems to consist basically to the family nucleus. A big family, probably including descendants and their partners, would perhaps come from 20 to 50 people.

The economy of these people was basically agro-pastoral, where the cereals and other agricultural products were vital. The metallurgical domain was evident, showing a great skill in what concerned bronze and iron.



THE SETTLEMENT

This settlement, although never investigated archaeologically, it sets in this social-cultural type. Its defensive system, composed of two concentric rows of outer walls, must have been built after the first century b. C. Its occupation was probably extended up to sometime during Roman domain, at the least.

Strategically well placed, has important natural defense and adapted the lines of the outer walls to the morphology of the ground.

Inwardly, we may distinguish two separate enclosures. At the top of the hillcock, demarcated by the first line of outer walls, we come across the central nucleus of the settlement, often known as acropolis or crown. At the surface, there are many heaps of stones from the demolition of the houses.

At the edges of the outer walls line – N.NE and S.SO – two great outcrops are visible raising over the settlement, forming real look-out towers; it is from here that its great polygonal shape can be appreciated.

The second line defines a bigger space. It evolves concentrically to the first one, forming a perfect symbiosis between them. The space between the outer walls was obviously occupied by houses. This external fortress is very impressive when seen from outside. The polygonal/rectangular aspect is perfect.

The petrous blocks of the outer setting were placed in such a way as to obtain a blind joint, which projects a surprising harmonious view of the fortresses. On the sector N.E. an impressive cypolepan fragment, which makes us question how such heavy petrous elements could have been placed there.

The second defensive line has two entries at North and N.NO. These entrances are just narrow passages open around one quarter of the fortress height and evolves oblique of its own direction. In order to reach the entrance, it would be necessary to use a wooden ladder. The entrances are strategically placed on irregular areas of difficult access. It is possible that there used to be defensive wooden towers at the ends of the fortresses.

In the interior, the access to the upper part of this outstanding structure was done through stone steps built against the wall.

The outer fortress, which has been preserved on the North side, has recently gone through restoration works, sponsored by the Council of Alijó and executed by a department of ARQUEOHOJE, where a total reintegration was done over 80 meters span.

A line was made on the walls as to show what is part of the original outer walls and what has been recovered.